

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Anna Paula Zaroni. (IC) e Angela Zamora Cilento (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo:

Pretendemos, primeiramente esclarecer conceitos relevantes da filosofia schopenhauriana e posteriormente, revelar por meio das poesias de Augusto dos Anjos as mesmas questões levantadas pelo filósofo, o que atesta a influência do primeiro sobre o segundo. Destarte, Augusto dos Anjos foi capaz de trazer a visão pessimista de Schopenhauer para a arte poética e, de certo modo, usar dessa arte para aliviar os sintomas de uma realidade tão caótica e dolorosa. Em vista disso, objetivamos investigar quais os conceitos comuns às obras de ambos os autores e como eles se apresentam diferencialmente na escrita filosófica e na escrita poética, identificando, especificamente, a questão da dor e do sofrimento inerentes ao mundo e a arte como único meio de escape e, portanto, libertadora.

Palavras-chave: Schopenhauer; Augusto dos Anjos; interface filosofia-poesia.

Abstract:

Primarily, we intend to clarify relevant concepts of Schopenhauer's philosophy and later reveal through the poetry of Augusto dos Anjos the same issues raised by the philosopher, which attests the influence of the former over the latter. Thus, Augusto dos Anjos was able to bring the pessimistic view of Schopenhauer for the poetic art and, in a way, using this art to relieve the symptoms of such a chaotic and painful reality. In view of this, we aimed to investigate which concepts are common to the works of both authors and how they are differentially presented in philosophical writing and poetic writing, identifying specifically the issue of pain and suffering inherent in the world and art as the only means exhaust and therefore releasing.

Keywords: Schopenhauer; Augusto dos Anjos; interface philosophy-poetry.

INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer é considerado hoje um dos grandes filósofos da História, muito conhecido pelas suas considerações sobre a miséria da condição humana. Em vida, não pode ver como suas ideias seriam admiradas, entretanto, hoje a sua influência é imensurável. Presente em toda a cultura ocidental, o pessimismo de Schopenhauer mudou a forma de muitos pensadores verem o mundo. Freud, Nietzsche, Kierkegaard e tantos outros. No Brasil, destacam-se Machado de Assis, e Augusto dos Anjos, o poeta brasileiro, também alvo de nossa pesquisa.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no engenho paraibano de Pau D'arco em 20 de abril de 1884. O ambiente em que cresceu foi marcado pela decadência, doença e luto. Além da morte cedo do pai, a família sofre com o desmoronamento do setor latifundiário do Nordeste atingido pelas transformações econômicas, sociais e políticas das últimas décadas: a abolição da escravidão, a proclamação da República, a ascensão dos comerciantes. É a penetração do capitalismo que, se por um lado significa progresso, por outro agrava a miséria da região.

No ambiente universitário do Recife, em cuja Faculdade de Direito se formará em 1907, Augusto entra em contato com o espírito cientificista. Ali tomou conhecimento de várias doutrinas derivadas do materialismo e do evolucionismo (Comte, Haeckel, Darwin, Spencer) que marcaram definitivamente sua poesia. Sobre o assunto, Ferreira Gullar, em um estudo crítico, afirma

Lendo Spencer convenceu-se de que a ciência é incapaz de penetrar a essência das coisas – o incognoscível – a realidade absoluta que seria fonte de todo o conhecimento humano, que o evolucionismo não era um fenômeno limitado aos seres vivos mas se estenderia a todo o mundo material e também à sociedade humana. Com Haeckel aprendeu que a monera estava na origem de todos os seres animais. Destas concepções materialistas, atingiu-o sobretudo a noção da morte como fato material, da vida como um processo químico dentro do qual o corpo humano não era mais que uma organização de 'sangue e cal', condenada inapelavelmente ao apodrecimento e à desintegração. A isso veio somar-se a influência de Schopenhauer, com seu idealismo voluntarista que nega o processo histórico, afirma que a essência do mundo é uma vontade cega e apresenta como única perspectiva para o homem, condenado ao sofrimento, o aniquilamento da vontade de viver. Essa filosofia negativa se tornava tanto mais aceitável para Augusto dos Anjos porque apresentava a arte como o caminho para atingir a ideia de Homem Absoluto. (GULLAR, 1978, p. 16)

Tanto o pensamento de Spencer quanto o de Schopenhauer refletem uma reação de setores da sociedade europeia ao avanço da ciência e da técnica. O nordeste de Augusto, ao contrário, não conhecia nem a ciência ou o progresso contra os quais surgiram tais filosofias. No entanto, elas se tornaram, para o poeta, a expressão do desmoronamento do seu mundo pré-industrial.

Alfredo Bosi, especialista em literatura brasileira, escreve a seu respeito:

Trata-se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto que possa reconhecer, além de 'mau gosto' de um vocabulário rebuscado e científico, a dimensão cósmica e a angústia moral de sua poesia. (BOSI, 1966, p.44)

Com “dimensão cósmica”, Bosi pretende mostrar que Augusto centrava no ser humano, isto é, todas as energias do universo se encaminham para a construção desse mistério que é o “eu”. Não é à toa que o poeta escreveu um livro só: *Eu*, publicado em 1912. Sua leitura evidencia a grande influência recebida pelo paraibano do materialismo evolucionista de Haeckel, absorvendo o conceito de *monera* como princípio da vida, e de que a morte e a vida são um puro fato químico.

Entretanto, não se pode dizer que a cosmovisão de Augusto se resume a isso. Pelo contrário, a postura existencial do poeta é uma angústia profunda e letal, diante da fatalidade que arrasta toda carne para a decomposição da morte. E aqui não se pode negar que a maior influência de Augusto veio da presença de Schopenhauer.

O poeta anuncia a miséria da carne em putrefação a todo o tempo. Para ele, as forças da matéria que pulsam em todos os seres, conduzem ao Nada, por meio de uma destruição implacável. Ele é o espectador em agonia cujo o símbolo é o verme. Ele caminha e ouve, dentro da noite, o apelo das várias criaturas, junto aos seres microscópicos, dos germes, das montanhas, que lhe pedem para falar por eles. O poeta não consegue aceitar o processo interminável da natureza de gerar e destruir o que gerou, essa ‘madrasta’ que esconde o sentido da existência e tudo reduz a “uma teleologia sem princípios” (verso do poema “As cismas do destino”). O trecho final do longo poema “Os Doentes” evidencia esse sentimento

Não compreende que a Morte que não dorme
É a absorção do movimento enorme

Na dispersão dos átomos difusos.
Não me incomoda esse último abandono.

Se a carne individual hoje apodrece,
Amanhã, como Cristo, reaparece

Na universalidade do carbono!
A vida vem do éter que se condensa,

Mas o que mais no Cosmo me entusiasma
É a esfera microscópica do plasma

Fazer a luz do cérebro que pensa.
Eu voltarei, cansado da árdua liça,
À substância inorgânica primeva,

De onde, por epigênese, veio Eva
E a stirpe radiolar chamada Actissa!
Quando eu for misturar-me com as violetas,
Minha lira, maior que a Bíblia e a Fedra,

Reviverá, dando emoção à pedra,
Na acústica de todos os planetas! (ANJOS, 1978, p.)

Augusto dos Anjos representa um salto na história da poesia e do pensamento nacional. Não é à toa que possui uma obra difícil de classificar em algum movimento artístico específico. Todavia, é de comum acordo entre os estudiosos que Augusto dos Anjos foi influenciado pela obra schopenhauriana, porém não se sabe de fato a extensão disto, isto é, até que ponto os conceitos criados por Schopenhauer nas suas grandes obras “As Dores do Mundo” e “O Mundo como Vontade e Representação” foram incorporados pelo autor do “Eu”.

Aqui reside a justificativa para o presente trabalho, pretendemos criar uma interface entre filosofia e poesia, já que ambas falam das dores e alegrias da existência sob formas diferentes. Deste modo, pretendemos primeiramente esclarecer conceitos relevantes da filosofia schopenhauriana e posteriormente, revelar por meio das poesias de Augusto dos Anjos as mesmas questões levantadas pelo filósofo, o que atesta a influência do primeiro sobre o segundo. Em outros termos, Augusto dos Anjos foi capaz de trazer a visão pessimista de Schopenhauer para a arte poética e, de certo modo, usar dessa arte para aliviar os sintomas de uma realidade tão caótica e dolorosa. Em vista disso, objetivamos investigar quais os conceitos comuns às obras de ambos os autores e como eles se apresentam diferencialmente na escrita filosófica e na escrita poética, identificando, especificamente, a questão da dor e do sofrimento inerentes ao mundo e a arte como único meio de escape e, portanto, libertadora.

REFERENCIAL TEÓRICO

É conhecido entre os estudiosos de Schopenhauer que o ponto de partida de sua filosofia é, sem dúvida, o pensamento kantiano. Immanuel Kant, na sua obra magna “Crítica da Razão Pura”, estabelece uma distinção fundamental entre fenômeno e coisa em si. Esta última não poderia jamais ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica. A ciência estaria restrita, assim, ao mundo dos fenômenos, o que Schopenhauer chamará de representações e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento.

Dessas distinções, Schopenhauer concluiu que o mundo não seria mais do que representações, como afirma na frase de abertura da sua obra principal: “O mundo é minha representação”. Nada no mundo sensível passa de aparências, fenômenos, figuras que aparecem para o entendimento, ou seja, algo colocado diante de nós. Os dados coletados pela experiência conduzem à representação, porém, é necessário um processo mental prévio para construí-la. Seguindo os passos de seu mestre¹, Schopenhauer entende que o sujeito possui a priori três formas puras de conhecimento, presentes nele desde o nascimento, e que possibilitam tal apreensão do mundo. Essas formas são o tempo, o espaço e a causalidade, espécies de “óculos intelectuais”, que somadas constituem o “princípio de razão”. As coisas conhecidas por tal princípio de modo algum correspondem à realidade das coisas-em-si mesmas, mas apenas àquilo que aparece a nossa sensibilidade. A representação, portanto, não revela a essência do mundo, e por isso pode ser chamada de ilusória e enganosa.

Quanto aos fenômenos, ou representações, Schopenhauer apoia-se em Kant quase que inteiramente. Há um momento, porém, no qual Schopenhauer separa-se definitiva e explicitamente de Kant e, a partir daí, constrói sua própria filosofia.

Para Kant, a coisa-em-si é inacessível ao conhecimento humano, pois encontra-se além dos limites das nossas estruturas, Schopenhauer, ao contrário, dedicou a maior parte de sua filosofia a própria coisa-em-si, que para ele, é raiz metafísica de toda a realidade, isto é, a Vontade.

1 - O Mundo Como Vontade.

Para Schopenhauer, o mundo da representação é como a caverna de Platão, cheia de enganos, onde frequentemente nos iludimos acreditando enxergar a verdade das coisas.

¹ Apesar de seguir o pensamento de Kant, fica claro que Schopenhauer diverge em importantes pontos do seu mestre. Por considerar as categorias kantianas excessivas e vazias, Schopenhauer conservará delas apenas a causalidade. Além disso, transfere para o entendimento as formas do espaço e do tempo, que em Kant estão presentes na sensibilidade.

O homem guiado pelo princípio de razão é semelhante aos prisioneiros da caverna, com sua visão turva não vê a essência das coisas, mas apenas sombras. Apesar disso, uma necessidade metafísica incontável leva continuamente o ser humano a esforçar-se por obter respostas últimas.

Mesmos reunidas, as ciências não dizem qual é o sentido das aparências. Por estarem sob o princípio de razão, os cientistas só lidam com fenômenos, como já apontava Kant. Eis a questão que Schopenhauer nos propõe: O que fazer se nossa necessidade metafísica continua insatisfeita e permanecemos como os prisioneiros da caverna, e mais que isso, não podemos contar com a segurança da ciência², tão pouco com a extravagância da religião?

Jair Barboza resumirá perfeitamente o caminho escolhido por Schopenhauer para sair de tal emboscada:

Aqui entra em cena o Schopenhauer autor da filosofia do consolo. Se as ciências não fornecem satisfação metafísica, se com elas procuramos e nunca achamos o segredo dos objetos, cabe então recorrer a outra via que não a científico-objetiva. Se a partir do exterior não se obtém sucesso, quem sabe se a verdadeira via para a essência do mundo não seja a subjetiva? Em vez de se partir de fora, deve-se tentar um mergulho na interioridade, deve-se examinar o íntimo mais profundo de nós mesmos, do corpo humano. (BARBOZA, 1997, p.45)

A via tradicional, exclusivamente objetiva, sempre nos remete para outros corpos, sem nunca ir além das mesmas relações estabelecidas pelo princípio da razão. Diferentemente, a via corpóreo-subjetiva, pensa Schopenhauer, é a que nos conduzirá ao núcleo dos outros corpos em geral, pois todos possuem como núcleo a Vontade. O corpo, portanto, é visto como a matriz da vontade, a qual é sentida na consciência como núcleo mais íntimo de cada um, a saber, a “objetividade da vontade”, conceito introduzido por Schopenhauer.

O ato da vontade e ação do corpo não são dois estados diferentes, conhecidos objetivamente e vinculados pelo nexo da causalidade; nem se encontram na relação de causa e efeito; mas são uma e mesma coisa, apenas dada de duas maneiras totalmente diferentes, uma vez imediatamente e outra na intuição do entendimento. A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, isto é, que apareceu na intuição (...) que se tornou representação. Por conseguinte, o corpo, que no livro

² Para Schopenhauer, as ciências são louváveis, pois diminuem as dores do mundo. Todavia, do ponto de vista metafísico, são insatisfatórias.

precedente chamei objeto imediato, confirme o ponto de vista unilateral (da representação), aqui de outro ponto de vista, é denominado objetividade da vontade. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157)

Para o autor, o homem é um querer essencial, de modo que há uma ligação clara entre o corpo humano, seus movimentos e a vontade. Existe, no interior do corpo, um sentimento não captável pelo princípio de razão, e que fornece a chave para a compreensão da nossa essência, e por analogia, da essência dos demais objetos. É por intermédio do corpo que o homem tem a consciência de que ele é vontade, um “em si”. O corpo é, então, a “visibilidade da vontade”. Em outras palavras, pela subjetividade, pode-se sentir a ação corporal como essencialmente volitiva, e, a seguir concluir por analogia, que o mesmo acontece nos outros corpos. A Vontade apontada como coisa-em-si do mundo encontra-se indivisa em toda parte: na pedra que cai, na atração entre os sexos, na gravitação universal e na natureza em geral.

- Mas qual é origem de tal Vontade?

Schopenhauer alega que não se pode responder a essa questão pois ela é feita a partir do ponto de vista do princípio de razão, que supõe para todas as coisas uma razão de ser, mas se a Vontade é independente do princípio de razão, a ela não cabe um porquê, nem uma causa: ela é sem fundamento, sem razão. Jair Barboza afirma que “o mundo é decifrável no enigma de seus múltiplos e variados objetos, ele é Vontade; mas esta é misteriosa, é um sentimento não conceituável. Paradoxalmente, um mistério desvenda outro mistério.” (BARBOZA, 1997, p.51)

Schopenhauer continua a descrever outras características da Vontade. Ele afirma que ela é una, atemporal e livre, entretanto ela continua e cegamente anseia pela vida em toda a parte, em todos os reinos, e manifesta-se na força de crescimento das plantas, na cristalização dos minerais, na atração dos polos. Ela quer tão intensamente sair da sua cegueira inconsciente e adquirir vida que nos deu uma função cerebral que coordena a exterioridade como representação, e assim, a Vontade ganha visão, no homem, de si mesma, isto é, consciência de si. A Vontade, portanto, afirma-se em sua visibilidade pelo intelecto, criador das representações do mundo. O intelecto é servo da Vontade. Ela é o sujeito, e o mundo inteiro seu objeto: seu espelho pelo qual se contempla.

Uma outra questão ainda inquieta Schopenhauer. Há em toda parte tanto ódio, tanta guerra, tanta discórdia, dores e sofrimentos, mas o que de fato significa tudo isso? Há alguma relação entre tais acontecimentos e a essência do mundo?

Para o filósofo, a vontade se objetiva de vários modos, ou melhor, em graus diferentes, que vão desde o mais inferior, aquele das forças da natureza inanimada, ao mais elevado, que é o homem, passando pelo reino vegetal e animal. Os diferentes graus correspondem a

um progresso, mas é no homem, como vimos, que ela representa a si mesma com mais clareza e perfeição. Essa hierarquia, porém, é estática, todos os graus coexistem desde a eternidade. Mais do que isso, eles disputam no mundo fenomênico a matéria, o espaço e o tempo. Deyve Redyson explica satisfatoriamente o que segue de tal afirmação:

O mundo vegetal serve de alimento para o mundo animal, este, de presa e alimento para outro animal, e, assim, a vontade de vida não cessa de devorar a si mesma. O homem, enfim, considera tudo o que é criado como algo que existe para o seu uso e contribui desse modo para movimentar ainda mais o combate de todos contra todos. (REDYSON, 2009, p 73)

Jair Barboza, entende que para Schopenhauer, a Vontade é intrinsecamente autodiscórdia consigo mesma, o que se reflete na sua visibilidade, na sua manifestação. Isso significa que o homem e a natureza em geral são amor e ódio ao mesmo tempo; em qualquer parte há construção e destruição.

Tendo tais afirmações em mente, apresento um poema escrito por Augusto dos Anjos:

CONTRASTES

A antítese do novo e do obsoleto,
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,
O que o homem ama e o que o homem abomina,
Tudo convém para o homem ser completo!

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,
Uma feição humana e outra divina
São como a eximenina e a endimenina
Que servem ambas para o mesmo feto!

Eu sei de tudo isto mais do que o Eclesiastes!
Por justaposição destes contrastes,
Junta-se um hemisfério a outro hemisfério,

Às alegrias juntam-se as tristezas,
E o carpinteiro que fabrica as mesas,
Faz também os caixões do cemitério!... (ANJOS, 1978, p.110)

Aqui, pela primeira vez, Augustos dos Anjos demonstra que absorveu a filosofia do seu mestre. Os versos de “Contrastes” são construídos com o intuito de exteriorizar a conclusão que o poeta chega com suas leituras, até mesmo os exemplos utilizados por Augusto são apresentados pelo filósofo.

Segue-se, para Schopenhauer, que a dor e a destruição fazem parte da ordem das coisas, tudo decretado pelo mundo da vontade, totalmente indiferente aos homens. Além disso, a vida humana é dominada por egoísmos, a satisfação de um indivíduo necessariamente acarreta no sofrimento do outro.

O egoísmo e a ingratidão são atitudes naturais de um ser em relação ao outro. A razão disso está no seguinte raciocínio: só um corpo é habitado pela vontade, capaz de desejo e frustração, suscetível de prazer e dor, os outros, podem ser usados como meios para satisfazer determinados fins. O que resulta, para a natureza como um todo, fora ou dentro da sociedade, ser, essencialmente, o homem o lobo do homem.

Aqui cabe mais um poema de Augusto dos Anjos, claramente baseado em tais constatações:

VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija! (ANJOS, 1978, p 125)

A vontade do apaixonado pode assassinar sua amada. As mesmas mãos do carinhoso Otelo, personagem de Shakespeare, amante cego e ébrio de Desdêmona, foram as que a mataram. Isto, interpretado à luz de “O mundo como Vontade e Representação”, se deve à natureza íntima do mundo, é expressão da autodiscórdia essencial da Vontade consigo mesma. Ela quer se manifestar na vida, ela quer a vida em todos os reinos naturais; ela é amor, mas ao mesmo tempo, se dilaceramento interno repercute em ódio. Eis o drama do mundo e de qualquer singularidade, tomado como pequeno mundo.

2 - Ideia

Após estabelecer o conceito de Vontade, Schopenhauer investiga sua atuação antes de atingir sua forma superior de manifestação, precisamente, a humana. A conclusão, e aqui ele renderá tributo a Platão, é a de que a coisa-em-si, antes de se pluralizar mediante o princípio de razão em inumeráveis aparências, se objetiva, torna-se objeto, imagem, por meio de “atos originários” que remontam a um universo atemporal. Tais atos são representações, porém independentes do princípio de razão: são as Ideias platônicas.

Compreende-se a existência dos minerais, plantas, animais e homens sobre a face da Terra a partir da Objetivação da Vontade em diversos graus ideacionais eternos, a cada um correspondendo uma espécie natural. Os diversos gatos da realidade só existem enquanto reflexo distorcido de uma Ideia de gato inalterável, instituída pela Vontade em um mundo imemorial. Todos os gatos do mundo não passam da pluralização de uma única e mesma ideia de gato. Os gatos podem até desaparecer da face da terra, mas a sua Ideia não. A humanidade mesma é uma Ideia eterna, inalterável, embora seus fenômenos, os muitos indivíduos, são passageiros. Nas palavras de Schopenhauer:

(...) os diferentes graus de objetivação da Vontade expressos em inumeráveis indivíduos e que existem como seus protótipos inalcançáveis, ou formas eternas das coisas, que nunca aparecem no tempo e no espaço, médium do indivíduo, mas existem fixamente, não submetidos a mudança alguma, são e nunca vindo-a-ser, enquanto as coisas nascem e perecem, sempre vêm-a-ser e nunca são; os graus de objetivação da Vontade, ia dizer, não são outra coisa senão as Idéias de Platão. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 191)

Pelas Ideias, a coisa-em-si una e indivisível se tornou imagem, objetivou-se num mundo imemorial, e hoje em dia se torna fenômeno no mundo real: é o processo de manifestação da Vontade. Ela não é causa das Ideias, mas se “manifesta” nelas, as quais, por sua vez, pluralizam-se em fenômenos.

Na hierarquia natural, desde a força natural até o homem, a manifestação do caráter inteligível (Ideias) em empírico (fenômenos) não se faz pacificamente. As Ideias, antes de entrarem no mundo, só o fazem devido às ocasiões que a causalidade lhe proporciona. A quantidade de matéria é constante, assim, detecta-se no mundo fenomênico uma luta infundável pela sua posse. Caso se trate de Ideias superiores, estas aparecem na natureza após tomar certa quantidade de matéria de outras inferiores, que também queriam aparecer. Barboza explica tal relação:

É a chamada ‘assimilação por dominação’. Por isso, todo organismo é, ao mesmo tempo, inorgânico: ele guarda em si ideias inferiores dominadas e assimiladas. Por exemplo, o homem faz parte da humanidade, mas também é animal e partícipe do reino inorgânico. O homem é pensamento e matéria dos ossos, é vida e morte anunciada. (BARBOZA, 1997, p. 54)

Impossível não admitir a semelhança desse tópico no pensamento de Schopenhauer com os versos de Augusto, como no poema a seguir:

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra! (ANJOS, 1978, p. 71)

Em verdade, se fizermos uma análise cuidadosa do poema acima veremos claramente as

“Eu, filho do carbono e do amoníaco”, o poema começa introduzindo seu primeiro personagem, o EU, as duas primeiras estrofes serão um desdobramento deste personagem. Em primeiro lugar, notamos a presença do vocabulário científico. O carbono é um elemento químico que forma compostos orgânicos presentes em todos os vegetais e animais, ou seja, o carbono é uma das bases da vida. Ser “filho do carbono” nada mais é do que ser filho da matéria.

“Monstro de escuridão e rutilância”. É interessante notar que Augusto escolhe a palavra MONSTRO para descrever o Eu. Essa é uma característica da poesia de Augusto que se diferencia parcialmente do pensamento de Schopenhauer, como discutiremos mais adiante. Por hora devemos atentar à antítese escuridão/rutilância (brilho) que para nossos

dois autores, são uma parte natural do homem. “Sofro, desde a epigênese da infância; A influência má dos signos do zodíaco”. A característica maior desse Eu é que ele SOFRE, e sofre sempre, desde o começo. Mais do que isso essa dor chega a níveis cosmológicos, é universal.

“Profundissimamente hipocondríaco; Este ambiente me causa repugnância; Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia; Que sobe a boca de um cardíaco”. Mais uma incursão de Augusto na fisiologia, ele se utiliza desta informação para caracterizar o ambiente de dor e sofrimento que o rodeia.

Depois de descrever o primeiro personagem do poema (EU, filho do carbono, monstro, sofredor, e vive num ambiente de total sofrimento que lhe causa repugnância), Augusto passará para o segundo personagem. “Já o verme - Este operário das ruínas”. O personagem, que fará oposição ao primeiro, é o antagonista, chamado de operário, isto é, alguém que realiza uma determinada obra, que opera. “Que o sangue podre das carnificinas; Come, e à vida em geral declara guerra”. A ação do adversário do Eu é comer e declarar guerra à vida, cuja base é o carbono, lembrando que o Eu é seu filho. “Anda a espreitar meus olhos para roê-los; E há de deixar-me apenas os cabelos; Na friabilidade inorgânica da terra”. Esse é o desdobramento do conflito EU x Verme. No final, o verme ganhará, mas não por muito tempo, pois que aquele verme ainda será assimilado por uma futura composição orgânica.

A presença das Ideias inferiores e do inorgânico no homem é tão clara para Augusto, principalmente tendo em mente a influência da biologia em seu pensamento, que o poeta em toda a sua obra não se cansa de utilizar expressões como “filho do carbono”, que explicita essa relação de possuímos em nós substâncias inorgânicas que antes formaram diferentes matérias e que após nossa morte continuaram a formar tantas outras.

Cada organismo trava uma luta interior contra as forças inorgânicas, assimiladas anteriormente e desejosas de retornarem ao palco dos acontecimentos. Depois de contínua luta, as forças naturais vencem, e seu triunfo significa a recuperação da matéria anteriormente perdida. Tais argumentos de Schopenhauer, sem dúvida, influenciaram imensamente Augusto, mais do que isso, provavelmente foram divisores de águas na vida do poeta, pois, na maior parte de seus poemas, há versos que, de alguma forma, remetem a dor e sofrimento presentes no mundo causados pela luta da objetivação fenomênica das ideias.

3 - Vontade Cósmica

Schopenhauer afirma que, pela ‘assimilação por dominação’, o ser superior triunfante guarda em si os seres inferiores vencidos. De modo amplo e universal, toda singularidade transporta em si o seu outro, assim como todo masculino transporta em si o feminino e o feminino, o masculino. O resultado geral da assimilação antecipa a “polaridade”, termo

extraído por Schopenhauer de Schelling para indicar a abordagem dos fenômenos naturais já feita pelo pensamento oriental do taoísmo, exatamente na doutrina do yin e yang.

Para o taoísmo subjaz ao universo um princípio único, chamado tao, que não é uma coisa divisível em partes, mas é o uno e inalterável, anterior a todas as coisas e que não pode ser diminuído ou aumentado. Segundo a tradição, esses princípios podem ser encontrados no I Ching chinês. Há um “Grande princípio primordial” de tudo o que existe, ‘t’ai chi’ que significa viga mestra. O ‘t’ai chi’ é simbolizado por um círculo dividido entre a luz e a escuridão, yang e yin. Este representa o feminino e o outro, o masculino. De acordo com esses princípios, o yin está ligado à devoção, à suavidade, à terra, aquilo que é Receptivo, em relação de complementaridade com o Criativo, yang.

(...) não se deve, entretanto, ver aqui um real dualismo, pois existe entre os dois princípios um relacionamento claramente definido em termos hierárquicos. O Receptivo em si é, evidentemente, tão importante quanto o Criativo (...) só quando se abandona essa posição e tenta colocar-se ao lado do Criativo como um ser igual, torna-se nefasto. (WILHELM, 1995, p.33)

Sob esse aspecto, é semelhante ao que Schopenhauer chama Vontade cósmica. Tal princípio único desdobra-se em dois outros complementares, um feminino, o yin, e outro masculino, o yang. O princípio feminino é frio, passivo, ligado à terra, obscuro; o masculino é quente, ativo, ligado ao céu, luminoso. O mundo não passa de desdobramentos interativos entre esses dois pólos.

Em Schopenhauer, as passagens próximas conceitualmente dessa doutrina se encontram, entre outras, na abordagem da assimilação por dominação. Cada vencedor na luta pela matéria conserva os vencidos em si.

Em última instância, a vida contém a morte e a morte contém a vida. Somos organismos, mas ao mesmo tempo Ideias inorgânicas ‘assimiladas por dominação’, estas são inorgânicas, porém contém em si Vontade cósmica, querendo a vida orgânica em todas as suas formas.

Mais uma vez, Augusto expressa em versos tão profundos os ensinamentos inquietantes de seu mestre:

O LAMENTO DAS COISAS (Poema não recolhido em livro pelo autor)

Triste, a escutar, pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos
O choro da Energia abandonada!

É a dor da Força desaproveitada
- O cantochão dos dínamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que se não realiza...
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo! (ANJOS, 1978, p. 151)

Deve-se notar, porém, que Augusto não apenas transpõe o que viu em Schopenhauer para a linguagem poética comum. Ao contrário, adiciona as lições do filósofo o vocabulário físico, químico e biológico, não apenas por escolha pessoal, mas principalmente porque entende que esse contexto o exige e o justifica. O poeta parece encontrar nas palavras científicas e nos termos técnicos a linguagem que precisa para tratar do cosmos em dissolução.

Se analisarmos com cuidado as expressões usadas nesse poema, por exemplo, encontraremos o *modus operandi* de Augusto e concluiremos que muito tem em comum com essa parte específica da filosofia de Schopenhauer. Nesse poema: “Energia abandonada, Força desaproveitada, transcendência que não se realiza, rudimentarismo do Desejo.” Em outros poemas: “Miséria anatômica, mecânica nefasta, atômica desordem, intracefálica tortura,” e infinitas mais. Em todas as expressões, as realidades cósmicas e vitais acham-se vinculadas a qualificações depressivas ou, ao contrário, a substantivos que denotam mal e morte estão apostos adjetivos que lhes dão dimensões universais.

4 - O Sofrimento e a Contemplação da Ideia

A vida no interior do tempo é sofrimento, porque o tempo é o pai das ilusões. Nada mais causava tanto desespero e angústia em nossos autores. Schopenhauer em *As Dores do Mundo* afirma:

Não há nada fixo na vida fugitiva: nem dor infinita, nem alegria eterna, nem impressão permanente, nem entusiasmo duradouro, nem resolução elevada que possa durar toda a vida! Tudo se dissolve na torrente dos anos. Os minutos, os inumeráveis átomos de pequenas coisas, fragmentos de cada uma das nossas ações, são os vermes roedores que devastam tudo o que é grande e ousado... Nada se toma a sério na vida humana; o pó não vale esse trabalho. (SCHOPENHAUER, 2014, p.32)

Augusto dos Anjos também sofria com essa falta de sentido, praticamente todas as suas poesias exteriorizam uma dor existencial muito grande por meio de suas palavras mórbidas e duras sobre a vida humana.

Para os dois, a existência é como uma roda de Íxion. Segundo a mitologia grega, Íxion, mero mortal, após ter sido introduzido no Olimpo por Zeus, apaixonou-se e desejou sua mulher Hera. O chefe supremo do Olimpo não gostou disso e o amarrou numa roda de fogo alada, a girar incessantemente, cercada de serpentes. Na poesia de Augusto e na filosofia de Schopenhauer, a existência é semelhante a tal roda de desejos nunca totalmente satisfeitos, portanto de sofrimentos.

O filósofo afirma que para cada desejo satisfeito, existem contra ele pelo menos dez que não o são. E quando nos limitamos a seguir o conhecimento orientado pelo princípio de razão, igualamo-nos aos prisioneiros da caverna platônica que só enxergavam aparências.

Mas há um momento privilegiado, iluminado e redentor, em que consideramos a essência das coisas, deixando de lado o sofrer. É o momento da contemplação estética da Ideia, do belo. Se a Vontade se afirma na natureza por manifestações fenomênicas e ilusórias, eis a possibilidade de instalação, na consciência, de uma outra visão, outra perspectiva, isto é, de vivenciarmos outro estado diferente do cotidiano. Nele, as aparências deixam de enganar, os desejos, de provocar sofrimento, e podemos então captar a verdade. Entramos no estado estético, de contemplação da Ideia, quando ocorre a negação da Vontade, em vez de sua afirmação.

O poeta, de certo modo, aprende com Schopenhauer que, se por um lado, a vida humana vista individualmente é dolorida e sem sentido, por outro, quando o sujeito suprime a individualidade e contempla o belo. No seu último grande escrito, *Parerga e Paralipomena*, o filósofo nos adverte:

Assim, cada homem pode ser considerado a partir de dois pontos de vista opostos; de um, ele é um indivíduo, que principia e finda no tempo, transitório e fugaz, fortemente atado a erros e dores; de outro, ele é a essência originária indestrutível, a objetivar-se em toda existência. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 278, tradução nossa)³

3 “Accordingly, every man can be considered from two opposite points of view; from the one, he is an individual, beginning and ending in time, fleeting and transitory, besides being afflicted with pangs and failings; from the other, he is the indestructible primary being that objectifies itself in every existing thing.

Augusto parece aceitar o projeto estético do filósofo alemão como consolo, conforme visto em mais um de seus poemas:

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

Ah! Dentro de toda alma existe a prova
De que a dor como um dardo se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
Assim também, observa a ciência crua,
Dentro da elipse ignóvoma da lua
A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento
Pelas grandes razões do sofrimento,
Sem os métodos da abstrusa ciência fria
E os trovões gritadores da dialética,
Que a mais alta expressão da dor estética
Consiste essencialmente na alegria. (ANJOS, 1978, p. 65)

Toda contemplação genuína da beleza, da Ideia, significa para Schopenhauer a negação da Vontade, logo, dos desejos insatisfeitos, e dos sofrimentos acoplados a eles: o sujeito empírico se transforma em “puro sujeito do conhecimento destituído de vontade”. Esse novo sujeito é alegre por ter acesso ao íntimo cósmico e usufrui de satisfação metafísica. Augusto expressa a negação da Vontade ocasionada pela contemplação da “Ideia Soberana” no seguinte poema:

O MEU NIRVANA

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcerero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero

Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora

Do tato – ínfima antena aferidora

Destas tegumentárias mãos plebéias –

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,

De haver trocado a minha forma de homem

Pela imortalidade das Idéias! (ANJOS, 1978, p. 157)

O que possibilita o estado estético é uma “ocasião externa” ou uma “disposição interna”. Quando menos esperamos, somos surpreendidos e eis a beleza! Vendo a si mesma no espelho das representações independentes do princípio de razão, a Vontade, originalmente cega, adquire um “claro olho cósmico”. Schopenhauer, depois de mostrar o estado existencial com seus erros, com o conflito dos seres pela posse de matéria, visando à afirmação da Vontade de vida na pluralidade fenomênica, agora mostra essa mesma Vontade, mediante a Ideia, contemplando calmamente a si mesma e se negando.

5 - A Arte

É certo que não se permanece por muito tempo no estado de contemplação da beleza, porém, por meio da arte, é possível refigurar esse momento na temporalidade fenomênica. A Ideia uma vez contemplada pode depois, via faculdade genial, se exposta artisticamente. O gênio é a faculdade de intuir a Ideias. Todos a possuem em maior ou menor grau. Ao ser ativada, ela nos torna puros sujeitos do conhecimento destituídos de vontade. Se o conhecer comum é orientado pelo princípio de razão e conduz a satisfação individual de desejos, o conhecimento genial, independe desse princípio e conduz ao estado estético.

Schopenhauer na sua *Metafísica do Belo* cuida desse tema com muito cuidado e faz uma descrição detalhada de um tipo de hierarquia das artes, pois cada tema artístico corresponde a um tipo de Ideia da Vontade. Dependendo da posição ocupada na hierarquia, a arte que a reproduz será superior ou inferior.

A base da pirâmide hierárquica é a arquitetura, seguida pela jardinagem, escultura e pintura de animais, e depois pela escultura e pintura humanas. A poesia vem no topo da pirâmide e, obviamente, nos concentraremos nela. Já a música, para o filósofo, não pode ser incluída na pirâmide hierárquica, pois paira acima das demais artes.

O filósofo alemão afirma que a poesia é isenta da estaticidade presente nas outras artes, o que a coloca em posição superior. Ela tem por tema a Ideia de humanidade, o poeta trabalha as palavras, os conceitos. Conceitos esses que não se aparentam aos cientistas,

matemáticos, lógicos; na verdade ele os trata apenas como material para expor dinamicamente a ideia de humanidade.

Por isso, para Schopenhauer, poeta e filósofo são almas afins. A autêntica poesia participa da filosofia e a autêntica filosofia participa da poesia. A filosofia deve ser artística, poética, e a poesia deve ser filosófica. Ambas possuem uma visão global da vida. Nada é mais importante na poesia do que tratar com suprema desenvoltura da própria discórdia originária da Vontade consigo mesma. E isso Augusto dos Anjos faz muito bem.

MÉTODO

Para alcançar os objetivos do presente trabalho foi necessário nos debruçarmos sobre as obras-chaves de Schopenhauer, tais como *As Dores do Mundo* e *O Mundo como Vontade e Representação*, além da leitura sistemática da obra completa de Augusto dos Anjos, configurando o método qualitativo para esta pesquisa. Esta, fundamentada no estudo das fontes primárias, bem como em pesquisas em fontes secundárias – a saber, seus comentadores listados na referência bibliográfica.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O presente procurou desenvolver algumas interfaces entre filosofia e poesia, trazendo à luz poesias selecionadas de Augusto dos Anjos que tratam de temas filosóficos, em especial, as que revelam conceitos do pensamento de Schopenhauer. Nosso objetivo, foi o de elucidar traços subjacentes de filosofia nas poesias do referido autor, pois compreendemos que, filosofia e poesia pretendem traduzir o Ser, mas sob linguagens diferentes. Nesse sentido, Schopenhauer e Augusto dos Anjos se aproximam na medida em que dividem uma mesma visão de mundo e falam dos mesmos aspectos, tratados ao longo desse trabalho, a saber: o mundo como Vontade, a luta da objetivação fenomênica das ideias, a Vontade Cósmica, o sofrimento e o tédio, e a arte libertadora. Em todos esses tópicos foi possível traçar uma conexão clara entre a filosofia de Schopenhauer e a poesia de Augusto. Detalharei adiante alguns pontos em que ficam claro o resultado dessa pesquisa, no sentido da influência entre os autores.

Todos os compêndios nos ensinam que Schopenhauer foi em primeiro lugar o filósofo da vontade e, em segundo lugar, o do pessimismo. Mas, as duas coisas não são mais que uma: ele foi necessariamente pessimista, porque era o filósofo e o psicólogo da vontade. A vontade é em si mesma uma infelicidade fundamental: é insatisfação, esforço em vista de

algo, inteligência, sede ardente, cobiça, desejo, sofrimento, e um mundo da vontade outra coisa não pode ser senão o mundo do sofrimento.

E desse mundo Augusto dos Anjos conhecia bem. Sua poesia evoca o sofrimento do mundo, a lamentável angústia e a fúria de viver das múltiplas encarnações do querer. A leitura e reflexão sobre os dois autores indicam uma linha de pensamento clara: Miséria, aflição, preocupação de conservar a vida, primeiro; depois, quando estas foram penosamente banidas, instinto sexual, dor de amar, ciúme, inveja, ódio, angústia, ambição, avareza, cupidez, doença e assim, inesgotavelmente, todos os males oriundos da contradição interna da vontade. E que resta no fundo? A esperança? Não, o tédio! Porque todas as existências humanas se balançam entre a dor e o tédio. A dor é o elemento positivo; a alegria não é mais que sua interrupção, um elemento negativo pois, e logo se transforma em tédio. Felicidade positivas? Há algumas. Mas, comparadas ao longo tormento de nossa cobiça, ao infinito de nossas exigências, são curtas e mesquinhas e, para um desejo satisfeito, dez ao menos restam insatisfeitos.

Sobre todas essas contestações que Augusto provavelmente aprende de Schopenhauer, o poeta as reafirma constantemente ao longo de seu único livro “Eu”. Há, porém, uma outra lição que Augusto apreende de seu mestre.

Pode-se salvar o mundo da miséria, do erro, do engano e da penitência que é a vida? A salvação está ao alcance do homem, que realiza a mais alta e a mais evoluída objetivação da vontade, mas também, por esta mesma razão, a mais capaz de sofrer e a mais rica de sofrimento. Em circunstâncias particularmente felizes e excepcionais, o intelecto pode emancipar-se, tornar-se autônomo e, ao menos durante algum tempo, despojada de seu poder e de sua influência, a vontade cede. Há único estado em que esse milagre se realiza: Chama-se estado estético. É uma das maiores e mais profundas experiências que Schopenhauer deixa em seu legado e o que Augusto vive quando exterioriza sua dor nos versos de suas poesias.

CONCLUSÃO

Nosso estudo objetivou, em primeiro lugar, encontrar na poesia do brasileiro Augusto dos Anjos os traços da filosofia do alemão Schopenhauer. Mais do que isso, procuramos os limites de tal influência, isto é, os momentos essenciais em que os poemas de Augusto parecem verdadeiras ilustrações de conceitos e passagens da filosofia de Schopenhauer.

Essa interface entre filosofia e poesia ocorreu de modo natural e quase que automático, já que ambas falam das dores e alegrias da existência sob formas diferentes. Após esclarecer conceitos relevantes da filosofia schopenhauriana, fica claro nas poesias de

Augusto dos Anjos as mesmas questões levantadas pelo filósofo, o que atesta a influência do primeiro sobre o segundo. Em outros termos, Augusto dos Anjos foi capaz de trazer a visão pessimista de Schopenhauer para a arte poética e, de certo modo, usar dessa arte para aliviar os sintomas de uma realidade tão caótica e dolorosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, 2001.

ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997.

GULLAR, Ferreira. *Prefácio*. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BOSI, Alfredo. *A Literatura Brasileira Vol.V: O pré-modernismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.

REDYSON, Deyve. *Dossiê Schopenhauer*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, v.1.

_____. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

_____. *Metafísica do belo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

_____. *Parerga and paralipomena: short philosophical essays*. New York: Oxford University Press, 2000.

WILHELM, Richard. *I Ching*. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

CONTATOS: anna.zanoni@yahoo.com.br e angelazamoracilento@gmail.com